

## LOUCAS RELAÇÕES ENTRE CLEMENTE XIV E POMBAL SOBRE A EXTINÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS \*

ANTÓNIO LOPES \*\*

### 1. Correspondência

Trata-se de uma correspondência de alto risco e de perigoso sigilo, chegando à troca mútua de presentes entre os dois.

Sebastião José, ou pela tristeza que ressentia no Rei pelo corte de relações com a Santa Sé ou para neutralizar a influência do novo Núncio quanto à questão dos Jesuítas, a sua obsessão orienta-o agora para uma aproximação com a Santa Sé.

Segundo uma breve biografia do novo Papa, redigida pelo P. José de Castro <sup>1</sup>, Clemente XIV nasceu em Arcângelo, perto de Rimini, a 31 de Outubro de 1705. Fez também aqui os seus estudos e, aos 18 anos, em Urbino, tomou a hábito da Ordem dos Menores Conventuais de São Francisco. Passou a Pesaro, Recanati, Fano e Roma, para estudar filosofia e teologia, que mais tarde haveria de ensinar em Ascoli, Milão e Bolonha, até que o Cardeal Albani o chamou a Roma para dirigir o Colégio de S. Boaventura, de que era protector. Bento XIV nomeou-o consultor do Santo Ofício; e Clemente XIII, a 24 de Setembro de 1759, por insinuação do Cardeal Spinelli, que o pintara como zeloso defensor dos jesuítas, promoveu-o ao cardinalato, com o título de S. Lourenço em Panisperna, que depois trocou pelo dos Santos Apóstolos, usufruindo a pensão de 20.000 libras que o Papa costumava

---

\* As nossas fontes serão essencialmente a *COLLECÇÃO dos Negocios de Roma, no reinado de El-Rey D. José I, ministerio do Marquez de Pombal e pontificado de Clemente XIV, 1769–1774*. Parte III. Lisboa: Imprensa Nacional, 1874, compilada por Júlio Firmino Júdice BIKER; e o Arquivo da Legação portuguesa junto da Santa Sé. Quanto a esta última fonte, dada a dificuldade de a consultar *in loco*, servimo-nos do I Volume, Cap. VIII (p. 323–374), do livro do P. José de CASTRO – *Portugal em Roma*. Lisboa: União Gráfica, 1939, 448 p., umas vezes resumindo o seu texto, outras vezes transcrevendo algumas passagens.

\*\* Membro e historiador da Companhia de Jesus.

<sup>1</sup> Cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 326.

dar aos cardeais religiosos, para sustentar com decoro a dignidade cardinalícia. Como, ao ser eleito Papa, ainda não era Bispo, entrou em exercícios espirituais para ser sagrado. A 28 de Maio de 1759, foi sagrado Bispo e, a 4 de Junho, coroado solenemente, na Basílica Vaticana, transferindo-se, no dia seguinte, com brilhantíssima cavalgada, do Vaticano para o palácio do Quirinal que passou a habitar <sup>2</sup>. Mas poucos momentos da História da Igreja terão sido para a Santa Sé tão tempestuosos como este em que o Cardeal Ganganelli foi eleito, com o nome de Clemente XIV. Portugal e Espanha queriam a todo o custo a supressão mundial dos jesuítas. A França tomara Avinhão e ficara furiosa pela maneira como o Papa tratara o Duque de Parma. Nápoles, sustentado pelas Coroas, tomava Benevento e Pontecorvo e ameaçava ir mais longe. Veneza exigia a reforma das Comunidades Religiosas sem dependência de Roma, o que foi exemplo pernicioso para as outras Cortes. A Polónia pensava em diminuir os privilégios da Nunciatura e, por isso, limitar a autoridade do Papa <sup>3</sup>.

Primeira Carta de Clemente XIV ao Conde de Oeyras, a 28 de Agosto de 1769.

“Carta secretissima que me dirigio o Santo Padre Clemente XIV, em 28 de agosto de 1769, e que fez a primeira exhibição e a primeira promessa de abolir a Sociedade Jesuitica, até à extincção da mesma Sociedade” <sup>4</sup>.

“...Em terceiro lugar em todos os particulares e mesmo nos negócios dessa Real Corte queira ter a bondade de no-los comunicar secretamente, pois nos lisonjeamos de poder dar-lhe seguras provas do nosso sincero affecto. No assunto que também interessa outras Cortes, pedimos-lhe que tenha confiança em nós; e não permita que pelos aliados nos sejam feitos certos embates pouco comedidos, que não conduzam com segurança ao almejado fim que nos propomos alcançar. Confie no Sr. Comendador Almada, por Nós cordialmente estimado, e tenha satisfação em conservar em segredo esta nossa confidência, comunicando-a, no entanto, a Sua Majestade Fidelíssima, a quem paternalmente damos a Nossa Bênção Apostólica, compreendida a Real Família e ao Senhor mesmo a estendemos. Dado no Quirinal, a 28 de Agosto de 1769” <sup>5</sup>.

<sup>2</sup> Cf. *ibidem*.

<sup>3</sup> Cf. *ibidem*, p. 328.

<sup>4</sup> *COLLECCÃO dos Negocios de Roma*, III, p. 61-62. Cabeçalho anotado pela mão de Pombal, para arquivar esta primeira carta de Clemente XIV. A carta é tradução do italiano pelo P. José de Castro.

<sup>5</sup> *COLLECCÃO dos Negocios de Roma*, III, p. 61. A tradução do italiano é feita pelo P. José de Castro (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 329). Por esta carta se vê claramente que se Clemente XIV não se comprometera já antes da sua eleição a suprimir a Companhia de Jesus, pois não se encontrou até agora documentação que o prove; pelo menos imediatamente depois da sua eleição fica provado por esta e outras cartas.

Resposta do Conde Oeyras a Clemente XIV, a 5 de Outubro de 1769

“...Quanto ao negocio da causa commã com as outras Côrtes que teem instado pela dita extincção dos Jesuitas; ficando El-Rei pela carta de Vossa Santidade na certeza em que Vossa Santidade o põe, de que quer effectivamente extinguir os Jesuitas <sup>6</sup>, logo que para isso tiver prudente segurança; e vendo claramente que Vossa Santidade a não teve, nem tem, nas circumstancias em que até agora se achou: não cabia na consummada circumspecção e filial ternura do dito Monarcha mandar ao referido seu Plenipotenciario outra instrucção, que não fosse a que elle secretissimamente communicára a Vossa Santidade...” <sup>7</sup>.

Resposta de Clemente XIV, por intermédio do primo Almada. Breve de 25 de Novembro de 1769 <sup>8</sup> com referências elogiosas ao primeiro Ministro, pede-lhe que lhe comunique a lista tríplice do nome das pessoas, entre as quais será escolhido o Núncio.

Novo Breve de Clemente XIV, por meio do primo Almada, de 26 de Novembro, pedindo-lhe que faça chegar ao Conde de Oeyras o seu retrato pessoal <sup>9</sup>.

No dia 10 de Dezembro, Clemente XIV escreve de novo a El-Rei agradecendo o ter aceitado como Núncio Mons. Conti, e ao mesmo tempo ao Conde de Oeiras, congratulando-se com a restabelecida correspondência entre as duas Cortes de Lisboa e de Roma <sup>10</sup>.

## 2. Troca mútua de presentes e de cortesias

### 2.1. Envio de presentes a Clemente XIV, por meio do Primo Almada.

O Ministro Almada, que estava em Veneza e regressava a Roma, traz para o Papa, uma encomenda de vinho da Madeira, de Setúbal e Carcavelos. E pouco depois, um barril de vinho da Madeira, uma canastra de paios e presuntos, três caixinhas de pedras do Reino e amostras de tabaco <sup>11</sup>.

---

<sup>6</sup> Cf. *ibidem*. Para que não haja mal-entendidos, Pombal explicita por duas vezes, na sua resposta, aquilo que o Papa não terá tido a coragem de explicitar: o negócio de que se trata é o da extincção dos jesuítas.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 64-65. A este pedido o Conde de Oeiras responde a 5 de Outubro de 1769, mostrando-se de acordo em tudo e insistindo no assunto que põe acima de todos: a extincção dos Jesuítas.

<sup>8</sup> Cf. *ibidem*, p. 71.

<sup>9</sup> Cf. *ibidem*, p. 71-72.

<sup>10</sup> Cf. *ibidem*, p. 72

<sup>11</sup> Cf. *Arquivo da Legação portuguesa junto da Santa Sé* – liv. 6, fol. 215, 233 (Cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 330-331).

## 2.2. Atitudes de gratidão e amizade de Clemente XIV para com Pombal.

No ano de 1769, já se sabia da criação de novas Dioceses em Portugal. E, no Consistório de 18 de Dezembro, Paulo de Carvalho, irmão do Primeiro Ministro, foi reservado Cardeal “in petto” por Clemente XIV. Depois, proclamado Cardeal no Consistório de 29 de Janeiro de 1770. Quando Mons. Conti foi para Lisboa (ainda bastante novo), precedido dos conceitos de dócil, generoso e inteligente, e para quem o Ministro Almada pediu ao irmão João de Almada bons presuntos e “outras galantarias”<sup>12</sup>, os pais do Núncio – os Duques de Poli – ficaram muito apreensivos pelos incómodos da viagem, sofridos em Gerona e Madrid. Daqui partiu para a capital portuguesa e chegou no dia 28 de Julho<sup>13</sup>.

Mas antes de partir para Lisboa cantou Missa solene em S. António dos Portugueses, em acção de graças pelo facto de El-Rei D. José ter saído são e salvo do atentado em Vila-Viçosa, a 3 de Dezembro de 1769. Esta notícia do novo atentado recebeu-a o Ministro Almada pelo correio de Espanha e causou funda repercussão no Vaticano e de um modo especial na pessoa do Santo Padre, como se pode ver pela carta do Comendador Almada a Martinho de Melo e Castro, Secretário de Estado, a 18 de Fevereiro de 1770.

“Tudo isto porém se acabou com muita gloria do augustissimo nome de El-Rey nosso senhor; porque as ultimas demonstrações publicas da visita do Papa á igreja de Santo Antonio, para nela acompanhar nas graças e orações os fieis vassallos de Sua Majestade; do *Te-Deum* solenissimo que fez cantar na igreja de São Pedro, da eloquentissima falla que fez aos Cardeais no Consistorio de vinte e nove de janeiro; da especialidade de fazer o outro Consistorio de dezoito de dezembro para crear Cardeal o dito meu irmão; das demonstrações de gosto com que o publicou; da carta que me mandou escrever pelo seu Secretario de Estado sobre a Encyclica, são factos publicos e notorios, que constituem um complexo ou todo de força invencivel, á vista do qual todas as referidas calumnias hão de emudecer, se os auctores dellas se não animarem a provocar sobre si as pedradas dos povos”<sup>14</sup>.

O Ministro preparara faustosamente a nossa igreja Nacional para nela se celebrar a referida missa, à qual assistiu o Cardeal Nero Corsini, protector da Coroa e do Reino, vestido de capa magna, acompanhado de diversos prelados, e ficando também os cardeais de Bernis, Alexandre Albani e Orsini na tribuna dos Embaixadores, com outros Ministros e nobreza que estiveram noutra tribuna.

<sup>12</sup> Cf. *ibidem* – liv. 6, fol. 226 (Cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 330-332).

<sup>13</sup> Cf. *ibidem* – liv. 5, fols. 11, 14 (Cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 332).

<sup>14</sup> *COLLECÇÃO dos Negocios de Roma*, III, p. 142.

**2.3.** Clemente XIV, que pela manhã do dia 25 de Setembro de 1770, assistira, com o Sacro Colégio, ao Te-Deum, com grande instrumental e exposição do Santíssimo, com grande magnificência <sup>15</sup>, pelo mesmo motivo, na Basílica dos Santos Apóstolos. E à tarde, pelas quatro horas, foi do Vaticano em forma pública à igreja de Santo António dos Portugueses <sup>16</sup>.

“Àquela hora já estavam no Palácio Apostólico tôdas as classes de prelados e da nobreza que haveriam de ter a honra de acompanhar e servir a Sua Santidade. Davam princípio a este cortejo, os cavalos ligeiros na vanguarda com os seus uniformes e jaezes de gala. Seguiam-se as três mulas brancas, ornadas de custosas gualdrapas bordadas a prata, e levadas pelos palafreiros da cavalaria pontifícia, vestidos das suas librés de côr roxa. Depois o estribeiro de Nosso Senhor, o Porteiro-Mor dos palácios apostólicos e depois deles, por sua ordem, a companhia da guarda de cavalo, os camareiros de câmara de capa e espada, os prelados camaristas íntimos, o capitão da guarda dos suíços, o Senhor Príncipe Altieri que era um dos capitães da guarda dos cavalos ligeiros, por se achar ausente o Senhor Príncipe Justiniani, seu colega. Depois de todos estes, tomou o seu lugar Monsenhor António Casali, Governador de Roma. Seguiu-se logo a Cruz Papal, levada pelo cruciferário de Sua Santidade, precedendo imediatamente o nobre côche em que ia o Santíssimo Padre, que levava nêle consigo os dois Eminentíssimos Cardeais Albani e Chigi, cercado e munido de toda a guarda suíça.

Imediatamente detrás do côche de Sua Santidade ia Mons. Copeiro-Mor, substituindo Mons. Mestre de Câmara, no meio de dois camareiros íntimos, e depois dêles alguns outros familiares de Sua Santidade. À testa da numerosa prelatura que depois se seguia para cortejar Sua Santidade, via-se Mons. Archinto, Arcebispo de Filipe, que fazia as vezes de mordomo. Depois dele, iam nos seus completos lugares, segundo o pediam as diversas classes de cada um, os Protonotários Apostólicos, os Auditores da Sagrada Rota, os clérigos de Câmara, os votantes e os referendários de uma e outra assinatura.

No fim de toda esta respeitável comitiva, iam a liteira de estado de Sua Santidade, duas companhias de cavalos ligeiros com os seus uniformes de gala, e em último lugar a de couraças.

Com êste nobre e magnífico cortejo, chegou Sua Santidade à igreja de S. António, entre os vivas e alegres aclamações do povo que, de todas as partes, concorria a festejar o seu Príncipe e Pastor; e era tal o concurso que foi necessário postar pelo caminho guardas que desembaraçassem o passo.

O Comendador Francisco de Almada de Mendonça tinha mandado, na véspera, armar pomposamente a igreja e naquela manhã tinha-se celebrado a Missa cantada. Na grade do côro os retratos do Papa e de Suas Majestades e

---

<sup>15</sup> Cf. FRANCESCO CANCELLIERI – n° 8129 (Citado por CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 334).

<sup>16</sup> Cf. *COLLECÇÃO dos Negocios de Roma*, III, p. 124.

até a fachada estava ornada de damascos carmezins, trenados de galões, tendo no alto e ao centro as armas pontifícias e portuguesas”<sup>17</sup>.

### 3. O Papa oferece a Rosa de Ouro a Portugal

**3.1.** O Papa foi recebido à porta por todos os Eminentíssimos Cardeais e, com todos, depois de rezar diante do SS. Sacramento exposto no altar-mor, foi para a sacristia: e, sentando-se debaixo de um riquíssimo dossel que para este efeito se havia preparado. Em prova do seu amor a El-Rei e à Nação, deu à nossa igreja a magnífica Rosa de Ouro que, pela primeira vez benzerá solenemente com as cerimónias costumadas na Dominga Laetare da Quaresma próxima precedente, sendo o Eminentíssimo Nero Corsini o que, como protector de Portugal, recebeu por parte da mesma igreja a efectiva entrega da Rosa benta.

No fim deste acto recolheu-se o Santo Padre ao Palácio do Quirinal, acompanhado da mesma comitiva e aplaudido por novas aclamações do povo.

Depois deu a Bênção com o Santíssimo Sacramento Mons. Vicente Macedónio, Secretário da Congregação dos Ritos, assistindo o nosso Ministro Plenipotenciário<sup>18</sup>.

A Rosa de Ouro esteve guardada aquela noite na mesma sacristia, e na manhã seguinte, depois de a levar processionalmente com clero da mesma igreja pela praça, e entrar outra vez na igreja, a colocou o Padre Azevedo, clérigo regular de S. Caetano (por impedimento que para isso teve o Cardeal Corsini) no altar-mor, onde ficou exposta todo aquele dia.

Nas duas noites de segunda e terça-feira, viu-se toda a cidade extraordinariamente iluminada, tanto nos palácios pontifícios do Quirinal, Vaticano, e a fachada e cúpula da Basílica de S. Pedro, como nos palácios dos Eminentíssimos Cardeais, dos Prelados, dos Ministros Régios, dos Príncipes, dos Cavalheiros Romanos, distinguindo-se na magnificência e na cópia de tochas e lumes os dos Cardeais de Bernis, do Embaixador de Sua Majestade Cristianíssima, de Alexandre Albani, de Nero Corsini, de Orsini de Aragona, de Monsenhor Aspuru, do Arcebispo de Valença, do Ministro de Sua Majestade Católica, os do Comendador Almada, os da Academia Real de França e a excelentíssima casa Conti.

Em nada cedeu às outras a iluminação da fachada da igreja de Santo António, a cuja praça nas duas noites concorreu inumerável povo a recrear-se com as diversas e harmoniosas sinfonias que se tocavam. Também a fachada da Basílica dos

---

<sup>17</sup> Cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 334-335. Também transcrita em *COLLECÇÃO dos Negocios de Roma*, III, p. 124-125.

<sup>18</sup> Cf. FRANCISCO DE ALMADA faz uma descrição de tudo numa relação que vem publicada em *Collecção dos Negocios de Roma*, III, p. 142 e que o P. José Castro resume no livro já citado, I, 333-345.

Doze Apóstolos e o convento a ela contíguo se viu brilhar e resplandecer pela cópia das luzes de cera e de grandes lampiões que ali se dispunham <sup>19</sup>.

Completa esta descrição a carta que o Ministro Almada redigiu para o seu primo, com a demonstração da altíssima consideração que o Papa ligou a Portugal na inesquecível visita, acompanhada da oferta da Rosa de Ouro <sup>20</sup>. Diz ele:

“Escrevi no correio passado, e também o faço neste estas poucas regras para ter o gosto de remeter a V. Ex.<sup>a</sup> a alocução, que o Papa disse no Consistório dos 24 da qual nos redundará glória como V. Ex.<sup>a</sup> verá da mesma; e para o correio que vem mandarei debaixo de um sobrescrito a relação, porque achando-me já em Caprarola aonde vou passar alguns dias, não cabe tempo o recebê-la para poder escrever.

Não há memória de homem que se lembre de função tão luzida, e edificante: o povo de Roma era fora de si de contentamento, e cheguei eu nos dias 24 e 25 a receber dêle grandes vivas e baterem-me em multidão as palmas, quando recolhia em gala pelo dono da Rosa de Ouro que o Papa deu à nossa Igreja Nacional.

O S. Padre já está no campo em Castelo Gandolfo, e por conseqüência cessam por agora as negociações. As pedras das 5 caixas são vagas pela diversidade das Côres, e aqui pasmam como em Portugal houvesse coisa tão boa; cuidarei dos tabacos” <sup>21</sup>.

Desta soleníssima visita de Clemente XIV à igreja de Santo António, acompanhado de todo o Sacro Colégio e dos Prelados e ainda de toda a sua faustosa e brilhantíssima Corte, falam elequentemente duas lápides que se encontram na sacristia da igreja, ao lado esquerdo.

**3.2.** Informado o primeiro Ministro do que ocorrera em Roma, com estas demonstrações de carinho da parte de Clemente XIV, escreve ao primo agradecendo tantas demonstrações de apreço por Portugal da parte do Sumo Pontífice <sup>22</sup>. E imediatamente a seguir é D. José I que agradece directamente ao Papa:

“Beatissimo Padre. – Vivamente penetrado de filial e devota ternura, vou render a Vossa Santidade as maiores e mais distintas graças em resposta do seu paternal e affectuoso breve de 18 de janeiro proximo precedente. Nelle vi,

---

<sup>19</sup> Cf. MONTOR, Arnaud de – *Storia dei Sommi Pontefici Romani*. Tomo II, Firenze: Tip. do Alcide Parenti, 1848, p. 87.

<sup>20</sup> Cf. Infelizmente esta “Rosa de Ouro”, oferecida por Clemente XIV, já não se consegue ver hoje na igreja de S. António dos Portugueses. Quase imediatamente a seguir à oferta, quando Francisco de Almada já se encontrava em Caprarola, um dos sacristães da igreja roubou vários diamantes de algumas custódias e também a “Rosa de Ouro”.

<sup>21</sup> Carta de Francisco de Almada para Pombal, transcrita por CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 337-338.

<sup>22</sup> Cf. *COLLECÇÃO dos Negocios de Roma*, III, p. 145.

com tanto reconhecimento como edificação, os diversos efeitos de horror e de alegria, que no sagrado coração de Vossa Santidade produziram as duas notícias, do insulto attentado na manhã de 3 de dezembro proximo preterito contra a minha pessoa <sup>23</sup>, e do feliz successo com que (por mercê de Deos) escapei d'elle sem a menor lesão. As publicas e solemnissimas demonstraões com que Vossa Santidade fez ver a todo o mundo o cordeal affecto que lhe deve este seu amantissimo e obedientissimo filho, e as repetidas e fervorosas oraões que Vossa Santidade fez subir ao Ceo para impetrar da Misericordia Divina a conservação da minha vida, acrescentaram duas assignaladas obrigaões as muitas de que sou devedor a Vossa Santidade. Ambas serão indeleveis na minha agradecida lembrança. E a ellas suplico a Vossa Santidade que accumule a de me ter sempre com toda esta real família debaixo da sua apostólica benção. Salvaterra de Magos, em 25 de Fevereiro de 1770. – Muito obediente filho de Vossa Santidade. *Joseph*” <sup>24</sup>.

Entretanto, no ano de 1769, já se sabia em Portugal que tinha sido criada uma nova Diocese, a de Castelo Branco, que no Consistório de 18 de Dezembro, Paulo de Carvalho Mendonça fora reservado Cardeal “in petto” por Clemente XIV e depois publicado Cardeal no Consistório de 29 de Janeiro de 1770, sem que o chegasse a saber, por ter morrido no dia 17 do mesmo mês. <sup>25</sup>

E para substituí-lo, como Cardeal Nacional, o santo Padre, no Consistório de 6 de Agosto de 1770, cria arcebispo de Évora a D. João Cosme da Cunha <sup>26</sup> (da família dos Távoras), que vai ser de um servilismo atroz com relação a Pombal <sup>27</sup>.

---

<sup>23</sup> Carta enviada de Lisboa para Francisco de Almada, para que informe o Papa do atentado de Villa Viçosa – *COLLECCÃO dos Negocios de Roma*, III. O Papa enviou imediatamente um Breve ao Rei.

<sup>24</sup> *COLLECCÃO dos Negocios de Roma*, III, p. 146.

<sup>25</sup> Cf. NOVAES – Tomo XV, p. 171.

<sup>26</sup> Cf. *ibidem*, p. 179.

<sup>27</sup> Cf. Será uma das figuras mais repugnantes em Portugal: primeiramente íntimo dos Jesuítas na Corte; depois amigo muito pessoal dos que detestavam os Jesuítas; aterrado com as execuções de Belém, como era da família dos Távoras, vai socorrer-se de Santa Rita DURÃO para renegar os seus parentes e fulminar de calúnias os Jesuítas. Por isso, será cumulado de benesses por Pombal: antes de ser proposto para Cardeal pelo próprio Pombal, já era Arcebispo de Évora, com dispensa de residência. Foi Conselheiro de Estado e regedor da Justiça, Presidente da Junta de providência literária, Presidente da Mesa Censória (1768) e Inquisidor Geral (1770). Depois de feito Cardeal, foi Comissário da Bula (1771), Ministro assistente ao despacho (1772). E quando viu D. José agonizante, traía o seu grande valido: Pombal. Quando este quis entrar na câmara real, nos últimos momentos de vida do Rei, intimou-lhe secamente: “V<sup>a</sup>. Exc<sup>a</sup>. já nada tem aqui a fazer”.



#### 4. Novas cortesias de parte a parte

**4.1.** O Ministro de Roma continua em grande intimidade com o Papa. Envia ao seu irmão João de Almada o seu próprio retrato, para que o faça chegar ao Santo Padre e promete-lhe um quadro de S. José Cupertino com duas porções de tabaco <sup>28</sup>.

**4.2.** O Papa, corresponde nomeando novos bispos e arcebispos. <sup>29</sup>

O Ministro, para fugir aos calores do verão romano, vai para Grotaferrata e de lá cumprimenta por escrito o Santo Padre que está em Castelgandolfo. O Papa responde-lhe também por escrito <sup>30</sup>. Neste solar romano, o Papa passeia a pé e a cavalo; e o Ministro na visita que lhe fez achou-o muito nutrido <sup>31</sup>, mas não tanto como quando regressou a Roma, porque o achou “num florido estado de saude” <sup>32</sup>. Aqui recebeu grandes aclamações populares <sup>33</sup>. O Papa gosta de passear e, mesmo com mau tempo, não se dispensa de dar os seus passeios à Vila Patrizi <sup>34</sup>.

**4.3.** O Marquês de Pombal consegue tudo de Clemente XIV. O Papa dá-lhe um Breve de altar portátil, para D. João da Bemposta <sup>35</sup> e o Marquês pede permissão para se dizer missa no palácio Real uma hora depois da meia noite e às 3 horas depois do meio dia <sup>36</sup>: o que lhe é concedido, e insiste-se na Bula de Inquisidor Geral para Dom José e o Papa dá-lha. Pombal agradece na Carta seguinte:

“Beatissimo Padre: Foi para mim de tanta edificação como contentamento, o sagrado testemunho da indefectível justiça de Vossa Santidade, que me trouxeram as Suas Paternais, e Apostólicas Letras em que Vossa Santidade fêz cessar com a sua admirável providência o gravame, que com as expedições das Bulas de *Motu proprio* para o cargo de Inquisidor Geral dêstes Reinos tinha

---

<sup>28</sup> Cf. *Arquivo da Legação portuguesa junto da Santa Sé* – liv. 6, fol. 245 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 346). Tudo, supomos, de combinação prévia com o primo de Lisboa, o Conde de Oeiras.

<sup>29</sup> Cf. *ibidem* – Caixa 2 – maço 2 – ms. 2; Caixa 7 – maço 3 – ms. 4; Caixa 9 – maço 2 – ms. 3; Caixa 9 – maço 4 – ms. 1; Caixa 9 – maço 8 – ms. 2; Caixa 5 – maço 1 – ms 6; Caixa 9 – maço 6 – ms. 5; Caixa 9 – maço 3 – ms 1 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 346-347).

<sup>30</sup> Cf. *ibidem* – liv. 2, fol. 71 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 347).

<sup>31</sup> Cf. *ibidem* – liv. 2, fol. 73 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 347).

<sup>32</sup> Cf. *ibidem* – liv. 6, fol. 126 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 347).

<sup>33</sup> Cf. *ibidem* – liv. 2, fol. 74 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 347).

<sup>34</sup> Cf. *ibidem* – liv. 6, fol. 133 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 347).

<sup>35</sup> Cf. *ibidem* – Sec. “Graças e Santos” – ms. 21 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 347).

<sup>36</sup> Cf. *ibidem* – ms. 22 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 347).

feito inferior a malignidade jesuítica a um dos mais estimáveis Direitos da Minha Coroa...”<sup>37</sup>.

Esta carta de agradecimento do Conde Oeyras a Clemente XIV, de 11 de Junho de 1771, revela bem que por mais que o Papa fizesse com as suas transigências, nunca seria capaz de aquietar as obsessões pombalinas contra os jesuítas. O Papa concede-lhe tudo. Pombal aceita, mas quer ainda mais.

#### 4.4. Requentes mútuos de delicadeza

Vejamos até que ponto chegaram as relações entre o Papa e o Ministro Almada: se o Ministro adoce mesmo ligeiramente, logo o papa manda chamar Mons. Macedónio e o P. Bontempi – inimigos figadais dos jesuítas e interessados amigos de Almada – para o irem cumprimentar<sup>38</sup>; o Ministro dá ao Papa o retrato de Pombal e o Papa manda pô-lo no seu museu<sup>39</sup>; o Ministro vai cumprimentar o Papa no Natal, lá vai o P. Bontempi a agradecer, levando-lhe de presente uma caixa de ouro para o rapé.<sup>40</sup>

Clemente XIV manda para o Primeiro Ministro lenços da nova fábrica de chita<sup>41</sup>. E Mons. Macedónio, cada vez mais íntimo, vai jantar com o Ministro em Grotaferrata<sup>42</sup>. Logo depois, é o próprio Papa que lhe manda agradecer o presente de chocolate e outras guloseimas, que embora contra o costume das férias do Natal recebe com muito carinho<sup>43</sup>, e corresponde no dia da Assunção, com outro presente de comestíveis<sup>44</sup>. O Comendador, ao serviço de Pombal não fica atrás: dá ao Cardeal Marefoschi, em nome do Marquês, o livro da Reforma da Universidade de Coimbra; compra louça da China que manda com chocolate às pessoas mais íntimas de Clemente XIV<sup>45</sup>; convida para jantar em Grotaferrata Mons. Macedónio e o P. Bontempi, pessoas da maior intimidade do Papa<sup>46</sup>. Mesmo que seja convidado pelo Cardeal Caracciolo para jantar, prefere receber em sua casa os dois maiores inimigos dos jesuítas<sup>47</sup>. Apesar da sua doença de rins, vai ao teatro

---

<sup>37</sup> *Arquivo da Legação portuguesa junto da Santa Sé – Sec. Inquisição*, ms. 16 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 348).

<sup>38</sup> Cf. *ibidem* – liv. 6, fol. 101 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 349).

<sup>39</sup> Cf. *ibidem* – fol. 107 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 349).

<sup>40</sup> Cf. *ibidem* – liv. 9, fol. 90 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 349).

<sup>41</sup> Cf. *ibidem* – liv. 6, fol. 107 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 349).

<sup>42</sup> Cf. *ibidem* – fol. 108 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 349).

<sup>43</sup> Cf. *ibidem* – liv. 2, fol. 33 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 349).

<sup>44</sup> Cf. *ibidem* – fol. 123 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 349).

<sup>45</sup> Cf. *ibidem* – fol. 84 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 350).

<sup>46</sup> Cf. *ibidem* – fol. 136 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 350).

<sup>47</sup> Cf. *ibidem* – fol. 138 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 350).

com Mons. Macedónio, o amigo bem informado, como o “crismou” Pombal na sua correspondência com o Ministro Almada <sup>48</sup>.

Verdade é que o Ministro gostou da música e a mandou copiar para a remeter a El-Rei <sup>49</sup>, como de outras vezes mandava árias e óperas <sup>50</sup> para Lisboa, mas a sua ambição que realizou à maravilha foi conquistar em pleno o ambiente que cercava o Papa Ganganelli, que não obstante a sua apregoada robustez e os seus passeios diários fora da Porta Pia, mesmo que o tempo não seja de feição <sup>51</sup>, começa a sentir a necessidade de se purgar a água e de fazer a cura de banhos <sup>52</sup>.

**4.5.** O Ministro manda a D. Henrique de Menezes “uma relíquia de S. Francisco de Paula e quatro campainhas de N<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>. do Loreto” <sup>53</sup>; e com elas e depois delas, a notícia de mais provisões de dioceses continentais e ultramarinas.

Clemente XIV corresponde a tanta dedicação e amizade para conquistar o ambiente que rodeia Pombal, nomeando sucessivamente novos Bispos para Portugal <sup>54</sup>. Pouco depois concede um altar privilegiado para a igreja de Oeiras <sup>55</sup>.

**4.6.** Mas, no meio desta preocupação de agradar a Portugal e às Coroas, o Papa, apesar da sua robustez e dos passeios que faz da Porta Pia e à Vila Patrizi <sup>56</sup>, não se sente bem. Aflições de ordem moral o apoquentam. Trava-se uma luta enorme dentro do seu espírito. A festa da Coroação passou-a sem a vivacidade que lhe era própria; e embora com emissão de sangue lá vai a passeio à igreja dos Santos Apóstolos a agradecer a Deus a colheita abundantíssima de trigo <sup>57</sup> e porque “principiou a purga, de passear à água natural pela manhã”, limita-se a suspender as audiências aos Ministros e ir diariamente à tarde passear nos arredores da Porta Pia <sup>58</sup>.

<sup>48</sup> Cf. *ibidem* – liv. 6, fol. 142 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 350).

<sup>49</sup> Cf. *ibidem* – fol. 142 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 350).

<sup>50</sup> Cf. *ibidem* – Sec. Diversos – ms. 7(a) (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 350).

<sup>51</sup> Cf. *ibidem* – liv. 2, fol. 88, 143, 137 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 350).

<sup>52</sup> Cf. *ibidem* – liv. 6, fol. 154 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 350).

<sup>53</sup> Cf. *ibidem* – liv. 5, fol. 147 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 350).

<sup>54</sup> Cf. *ibidem* – cx. n<sup>o</sup> 5 – maço 1, ms 7; cx. n<sup>o</sup> 9 – maço 4, ms 3, ms. 1; cx. n<sup>o</sup> 3 – maço 2 – ms.2; cx. n<sup>o</sup> 4 – maço 3 – ms 3; cx. n<sup>o</sup> 9 – maço 3 – ms. 5 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 351-352).

<sup>55</sup> Cf. *ibidem* – Sec. “Graças e Santos” – liv. 6, fol. 25 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 352).

<sup>56</sup> Cf. *ibidem* – liv. 2, fol. 155, 174, 185 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 352).

<sup>57</sup> Cf. *ibidem* – fol. 173, 174, 175, 182 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 352).

<sup>58</sup> Cf. *ibidem* – fol. 185 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 353).

Ao contrário, Mons. Macedónio, o P. Bontempi andam rejubilantes, sobretudo Mons. Macedónio que frequentemente ou quase incessantemente comunica ao Ministro a marcha do assunto contra os Jesuítas. Este lá vai para casa do Ministro em Grottaferrata com a irmã e o cunhado <sup>59</sup>; e o Ministro, por causa de uma dor ciática, não vai à audiência do Papa <sup>60</sup>, nem mesmo durante o carnaval em que o Papa, por excepção, lhe mandou dizer que o receberia <sup>61</sup>.

O Papa não está bem. Mas em Lisboa a Família Real também sofre, embora por motivo diferente. Ora são os filhos de El-Rei que são atacados de bexigas benignas <sup>62</sup>; ora é o “Rei que sofre faltas de exercício e grossura” de sangue e é sangrado duas vezes <sup>63</sup>. Depois é a Rainha “a sofrer de reumatismo e oito sangrias” <sup>64</sup> e é também o Rei a ser novamente sangrado e a Infanta D. Mariana a tomar banhos <sup>65</sup>.

## 5. Finalmente: “Bula de supressão da Companhia de Jesus em todo o mundo”

5.1. Só os íntimos de Clemente XIV estão esplêndidos de saúde e de ódio e também os íntimos do Ministro e primo do Marquês de Pombal.

É o P. Bontempi que lhe leva secretamente e em primeira mão “o suspirado Breve, que se publicará dentro de breves dias” da supressão dos Jesuítas e que lhe garantiu ter-lhe dado o Papa a última demão, no qual o amigo bem informado (Mons. Macedónio) teve a sua parte <sup>66</sup>. É o mesmo que o incita a estar alegre, em nome do Santo Padre <sup>67</sup>. E é ainda o mesmo que lhe leva a suspirada Bula “*Dominus ac Redemptor*” de 21 de Julho de 1773, Bula que, segundo o Ministro Almada, “destruiu, aboliu, acabou e matou” a Companhia de Jesus, <sup>68</sup> pelo que ultimou o negócio mais importante do seu ministério em que o Papa “extinguuiu e suprimiu a infame Sociedade” <sup>69</sup>.

É fácil imaginar a febre que se apoderou de Mons. Macedónio ao dar a notícia da supressão da Companhia de Jesus ao Comendador Almada:

“Nella sera dei 16 agosto 1773 – Il Papa è galantuomo, ed ama il bene della Chiesa. L’amico bem’informato fa sapere a Vostra Eccellenza la sopressione

<sup>59</sup> Cf. *ibidem* – fol. 165 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 353).

<sup>60</sup> Cf. *ibidem* – fol. 207 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 353).

<sup>61</sup> Cf. *ibidem* – fol. 156 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 353).

<sup>62</sup> Cf. *ibidem* – Sec. Diversos, ms. 15 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 353).

<sup>63</sup> Cf. *ibidem* – ms. 16 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 353).

<sup>64</sup> Cf. *ibidem* – ms. 20 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 353).

<sup>65</sup> Cf. *ibidem* – ms. 21 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 351-353).

<sup>66</sup> Cf. *ibidem* – liv. 2, fol. 186 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 354).

<sup>67</sup> Cf. *ibidem* – fol. 187 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 354).

<sup>68</sup> Cf. *ibidem* – liv. 5, fol. 40 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 354).

<sup>69</sup> Cf. *ibidem* – liv. 6, fol. 33 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 354).

già seguita della Compagnia; ed in comprova le spedisce due copie stampate della bolla tanto suspirata, e questa notte intimata. Ne gradisca l'attenzione, e resta, etc.”<sup>70</sup>

Mons. Macedónio está interessado em que se mande um especialíssimo correio a Lisboa com a notícia:

“Dalle stanze del Quirinal nel 18 agosto 1773 – In esecuzione dei comandi di Vostra Eccellenza, Macedonio ha di nuovo raccomandato al Santo Padre il disbrigo del corriere, ed il Papa ha riposto, che per regolare l'affare grande non ha potuto compire di dar sfogo a tutte le risposte, che fra breve darà a Vostra Eccellenza; e che intanto colle cose disbrigate e colla somma notizia della suppressione potrà spedir subito Vostra Eccellenza il corriere, acciò la Corte sia sollecitamente notiziata, come desidera nostro Signore. Macedonio per maggiore sua attenzione manda a Vostra Eccellenza altre copie, per spedirle subito, ed una lettera a Sua Eccellenza il Signor Marchese di Pombal. E con piena stima resta suo dev.<sup>mo</sup> obb.<sup>mo</sup> servitore vero”<sup>71</sup>.

## 5.2. Carta de Macedónio para o Marquês de Pombal

“Eccellenza. È giunto finalmente il dì dell'abolizione della Compagnia; ne dò parte a Vossa Eccellenza in nome del Santissimo Padre, e per mia attenzione, attesa la servitù che professo a Vossa Eccellenza, quale sommamente venero e stimo. Le occupazioni di Sua Santità pel grande affare non gli hanno permesso di terminare le risposte a tutto ciò che hà recato il corriere; ma lo farà presto.

Mando più copie, benchè finora un po' rare, del breve e bolla per miglior servizio di Vossa Eccellenza; quale supplico a umiliarmi alla Maestà del Rè, ed a riputarme qual com tutto rispetto mi soscrivo – Di Vostra Eccellenza devotissimo obb.<sup>mo</sup> servitore vero. – Al Signor Marchese di Pombal – Lisbona. – Roma, 18 Agosto 1773. – *Vincenzo Macedonio*”<sup>72</sup>.

5.3. Carta do Rei (ou melhor: de Pombal) de 30 de Setembro de 1773, a Clemente XIV, agradecendo vivamente o Breve (ou Bula).

“Beatissimo Padre. – Como Filho distincto de Vossa Santidade e da Igreja Universal, a que Vossa Santidade tão sabia e dignamente preside. Como Principe no Seculo na Republica Cristã; e como Protector nos meus reinos e dominios da Pax Evangelica, e do socego publico dos Povos, que a Divina Providencia confiou á minha Suprema Jurisdição Temporal: vou a dar a Vossa Santidade (na parte que me toca) as infinitas graças, que a V. Santidade não

<sup>70</sup> COLLECÇÃO dos Negocios de Roma, III, p. 184.

<sup>71</sup> *Ibidem*.

<sup>72</sup> *Ibidem*, p. 184.

cessará de render com as mais perenes, fervorosas, e sucessivas todo o Mundo Cristão em quanto nele existir a indelevel memoria da Lumino-sissima, Sapientissima, e concludissima Bula – Dominus ac Redemptor – dada em 31 de Julho proximo precedente, com que Vossa Santidade fixou a gloriosissima epoca do maior e mais transcendente beneficio que (depois do Infinito da Redenção do Genero Humano) receberam dos Apostolos Sucessores de S. Pedro, a mesma Igreja Universal e todas as Monarquias, Soberanias e Estados da Terra.

Assim o fiz annuciar a todos os meus vassallos com as ordens que a Vossa Santidade constará que foram imediatamente seguidas pelas publicas exultações, e Gerais Louvores, que de todas as Igrejas destes Reinos subiram ao Céu nos dias sucessivos à promulgação daquella copiosissima graça de Vossa Santidade.

(...)

A mesma Divina Providencia que creou, alumiu e fortaleceu o ilimitado Espirito, e o Impavido e Paternal Coração de Vossa Santidade para empreender, proseguir, e continuar uma obra tão superior á Compreensão e ás forças da Natureza humana, Espero e Confio com uma fé, que assim como predestinou e elevou Vossa Santidade ao Solio Pontificio com tão grande e inexcrutavel fim; da mesma sorte nos ha-de conservar a preciosissima vida de Vossa Santidade pelos felizes, e dilatados annos, que todos os fieis rogam, necessitam e Eu tanto desejo que mereçam alcançar os meus continuos e incessantes votos. Com a maior reverencia suplico a Vossa Santidade que me continue a filial consolação de me ter sempre com toda esta Real Familia debaixo da sua Santissima Benção. Palacio de Nossa Senhora da Ajuda em trinta de Setembro de 1773. Muito obediente Filho de V. Santidade. (a) Joseph<sup>73</sup>.

**5.4.** Resposta do Marquês de Pombal, com data de 5 de Outubro a Mons. Macedonio, para lhe agradecer o concurso para a extinção dos Jesuítas.

“Per la Bula riceva V. S. Illma, e Revma. i mei piu riverenti e vivi ringraziamenti. Di quella gloria immensa, che al SSmo Padre Clemente XIV é derivata da cosi Santa e Necessaria Apostolica Decisione, che ristabilisce nella Chiesa la Pace ed unione Cristiana, dovendo sempre ricadere una certa parte sopra que’Ministri, che dal Sommo Pastore furono prescelti per agire seco nella grande opera V.S.Illma e Rev.ma, che specialmente vi fu impiegata per quella molta parte che le spetta, ne accetti le mie sincere, giuste, e bem dovute congratulazioni. E non lasci mai di somministrarmi co’suoi desiderati comandamenti frequenti occasioni di poterle mostrare nell’ eseguirli la somma stima e rispetto con mi confermo...<sup>74</sup>”

<sup>73</sup> *Arquivo da Legação portuguesa junto da Santa Sé – Sec. “Jesuítas”, ms. 10 e ms. 11. Seguimos a transcrição de CASTRO – Portugal em Roma, I, p. 356-357. Ver também COLLECCÃO dos Negocios de Roma, III, p. 219-220.*

<sup>74</sup> *Ibidem*, ms 11. (cf. CASTRO – Portugal em Roma, I, p. 357).

**5.5.** Clemente XIV, na noite de S. Lourenço, depois da publicação da Bula de extinção, distribuiu aos cardeais e prelados palatinos gelados e doces <sup>75</sup>.

Mas segue imediatamente para Castelvandolfo, onde continua os seus passeios e a montar a cavalo.

Para substituir o Núncio Conti, novo Núncio para Lisboa, que acabava de ser criado Cardeal, fora escolhido Mons. Bernardino Muti, antigo auditor da Rota e sagrado Arcebispo de Petra <sup>76</sup>. Este foi logo visitar o Ministro, disse missa em S. António dos Portugueses e aceitou um banquete dado em sua honra no palácio da Legação. <sup>77</sup>

O Novo Núncio leva uma caixinha de músicas para o Rei precursora de uma cantata, mandada pelo Ministro ao Marquês, feita por uma neta do Dr. Miguel Lopes de Leão, e sobrinha de António Baltazar Lopes de Leão <sup>78</sup>.

O Ministro manda um bilhete do P. Bontempi, confessor do Papa, acompanhando um quadro da Sagrada Família, de prata e metal dourado, presente do Pontífice à Infanta D. Maria Clementina, e mais uma Indulgência Plenária em todas as festas de Nossa Senhora, e extensiva a toda a Família Real <sup>79</sup>.

**5.6.** Entretanto, Clemente XIV, na festa de S. Pedro, foi ao Vaticano em forma pública; e no regresso, com os Cardeais amigos, fez disparar a artilharia do Castelo Sant'Angelo e à noite houve iluminações <sup>80</sup>.

Da parte do Papa, Mons. Macedónio manda um bilhete ao Marquês de Pombal e o mimo de uma pedra com retrato do Papa <sup>81</sup>.

E o Marquês, por sua vez, manda um retrato que o Ministro entrega ao Santo Padre, e que este retribui com uma estátua de S. Lourenço, de louça vidrada <sup>82</sup>.

Como recompensa pelos serviços prestados na questão dos Jesuítas, o Ministro Almada foi nomeado Visconde de Vila Nova de Souto d'El-Rei <sup>83</sup>

Para “pagar” a Mons. Macedónio e ao P. Bontempi, como “informadores por excelência” e “almas danadas contra os jesuítas”, entra-lhes pela casa adentro uma verdadeira fortuna. Para Mons. Macedónio, juntamente com uma carta, é um rio de ouro que lhe oferece Pombal: “quatro dúzias dos frutos do Brasil”. Eis a carta de Pombal para Mons. Macedónio:

---

<sup>75</sup> Cf. *Arquivo da Legação portuguesa junto da Santa Sé* – 2, fol. 189, 199. (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 358).

<sup>76</sup> Cf. *Ibidem* – liv. 6, fol. 168 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 358).

<sup>77</sup> *Ibidem* – liv. 6, fol. 175, 177, 178, 193, 215 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 359).

<sup>78</sup> Cf. *ibidem* – Sec. “Diversos”, liv. 2, fol. 213. e liv. 6, fol. 80.

<sup>79</sup> Cf. *Ibidem* – fol. 260 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 359-360).

<sup>80</sup> Cf. *ibidem* – liv. 2, fol. 221 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 360).

<sup>81</sup> Cf. *ibidem* – fol. 151 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 361).

<sup>82</sup> Cf. *ibidem* – fol. 263 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 361).

<sup>83</sup> Cf. *ibidem* – fol. 234 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 361).

“Illmo, e Revmo. Sig. mio oss.mo.

Mi ritrovo in tanti modi e com tanta specialitá continuamente favorito da V. S. Illma., e Rma. che ha voluto obbligarmi fino col dono pregiabilissimo del Ritrato di Sua Santitá inciso com delicato lavoro in pietra dura, che com infinita stima conservo presso di me, e riterró gelosamente come monumento della pregiatissima amicizia di V. S. Illma. e Rma: che non posso dubitare che sia per negarmi la permissioe di poterle anch’io corrisponderle com una piccola riprova della mia reciproca amicizia, e costante rispettuosa riconoscenza. Per dimonstrare in parte a V. S. a Illma. e Rma. questi miei veraci sentimenti, prendo la confidenza di offerirle quattro dozzine di fruti, che produce il Brasile, i quali rimessi per la via di Genova a Francesco d’Almada con ordine di farle presentare subito, che costesta giungeranno a V. S. Illma. e Rma. divmo., ed oblig.mo Servitore (a) Marchese di Pombal. Belem. 2 marzo 1774»<sup>84</sup>.

**5.7.** O que venham a ser e o que valem as “quatro dúzias de frutos do Brasil”, di-lo e explica-o, em carta de 2 de Março de 1774, o Marquês de Pombal ao Ministro Almada.

“...são consistentes em quarenta barras de Ouro de vinte e dous quilates, com quinhentos Cruzados cada huma; importando somma de vinte e quatro mil dos referidos Cruzados Porque pezando mais de arroba e meya, não era que fossem transportados em Posta pelo Correyo...”<sup>85</sup>.

Seguem agora as duas cartas do Visconde de Vila Nova de Souto d’El-Rei ao Marquês de Pombal sobre este assunto:

“Como Sua Santidade na primeira Audiencia depois da chegada do extraordinario aprovou e louvou muito o reconhecimento que V. Ex. manda para Monsenhor Macedonio do qual se tem feito e fará sempre digno, passei eu naquela mesma ocasião pelo quarto do dito Prelado e juntamente com as duas Cartas de V. Ex. responsivas a outras duas do mesmo Prelado, lhe entreguei a terceira explicando-lhe o valor das quatro duzias de frutos do Brasil que são outras tantas barras de ouro de vinte e dois quilates e do valor de quinhentos cruzados formam todas vinte e quatro curzados: O referido Prelado ficou cheio da maior confusão considerando-se sem o menor merecimento para tão avultada gratificação e a V. Ex. exprime na carta incluza os seus vivos agradecimentos.

Eu usarei da mesma frase – frutos do Brasil – quando o certificar a V. Ex. da entrega dos dois cofres.

Fazendo eu a mesma confiança ao Papa a respeito à gratificação que tinha ordem de fazer ao P. M. Bontempi em cousas que fossem proprias ao seu

<sup>84</sup> *Ibidem* – Sec. “Jesuítas”, ms. 19 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 363).

<sup>85</sup> *Ibidem* – ms. 24. O texto desta carta é de português deficiente, porque pertence a um maço que foi objecto de incêndio (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 363-364).



Estado até o valor de dez mil Cruzados, o Santo Padre se me opôs logo com tãda a fôrça protestando-se que não permitiria que um religioso aceitasse presentes. Eu por não me mostrar importuno, e inquietar a Sua Santidade, conclui na minha ultima Audiencia que faria gozar os efeitos da Real bondade ao dito P. Bontempi, quando o visse constituído em alguma dignidade, e que assim o avisava a V. Ex.<sup>a</sup> <sup>86</sup>.

“Em execução da ordem que V. Ex.<sup>a</sup> me mandou no seu officio dos 2 de Março por êste mesmo processo, que agora despacho, paguei ao Abade Ercole Boinaiuti os trezentos seguins, gratificação que Sua Majestade lhe faz por lhe ter apresentado os exemplares das Estampas das pinturas de Rafael que existem no Vaticano: Remeto a V. Ex.<sup>a</sup> o recibo, e carta do dito Abade Boinaiuti, e sacarei letra desta quantia.

Bem cuidava eu que nesta mesma ocasião se gratificasse o bom ânimo, e as despesas que fêz o honrado Conde Cardelli, na Arcádia que celebrou na Sala Capitolina nos primeiros dias de dezembro de 1770 em obséquo do Papa e de El-Rei Nosso Senhor, porque mandando-me V. Ex.<sup>a</sup> perguntar no seu officio dos 8 de maio de 1771 por ordem de Sua Majestade que atenção se poderia usar com o referido Cavalheiro, e até quanto se deveria estender o valor do presente, e quais os géneros, que lhe fôssem mais agradáveis, respondi eu com o meu officio dos 31 de Agôsto do dito ano, que computada a armação da Sala, incisão das estampas, impressão das Poesias, e encadernação dos livros, que tudo se fêz à custa dêste Cavalheiro não se podia gastar menos de 600.000 réis, e me parecia que um anel para êle, ou para Sua Mulher seria uma condigna recompensa, o que novamente lembro a V. Ex.<sup>a</sup> por dever eu a esta família amizade antiga e ser uma das casas que sempre freqüentei, e também ela a minha; ou parecendo a V. Ex.<sup>a</sup> me dê o arbítrio para que eu aqui o gratifique com o que me parecer mais adequado” <sup>87</sup>.

**5.8.** Extinta a Companhia de Jesus, o Papa, numa conversa com o Ministro de Espanha, disse “que indiferente coisa lhe era viver ou morrer” e esta mesma angústia lhe descobriu o Ministro Almada. Por isso, os Ministros das Cortes “resolveram torná-lo alegre” <sup>88</sup>.

O Papa cada vez mais triste e mais desanimado.

Foi com os Cardeais assistir à festa de Nossa Senhora del Popolo e quando se preparava para sair, “sobreveio-lhe um crescimento de febre que agitou toda a comitiva”. Os médicos sangraram-no no braço direito e surtiu bom efeito <sup>89</sup>.

Foi sacramentado e ungido. Fazem-se preces em todas as igrejas de Roma. E a 22 de Setembro de 1774 morre Clemente XIV, na idade de 68 anos <sup>90</sup>.

<sup>86</sup> *Ibidem*, liv. 6, fol. 49 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 365).

<sup>87</sup> *Ibidem*, fol. 50 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 3 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 365-366).

<sup>88</sup> Cf. *ibidem*, fol. 69 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 366-367).

<sup>89</sup> *Ibidem*, liv. 2 fol. 261 (cf. CASTRO – *Portugal em Roma*, I, p. 367).

<sup>90</sup> ARNAUD DE MONTOR – *Op. cit.* – p. 88.

Para Pombal renasciam os cuidados e as vexações de ânimo. O monstro, que supunha destruído ressuscitava e os governos tinham de recomeçar com um novo conclave. Pombal, nesta sua nova aflição, propunha aos governos: que o Pontífice podia não ser um dos Cardeais, e nada obrigava a que ele fosse italiano. E citava inúmeros exemplos da História da Igreja. “Nem as leis da Igreja, nem as tradições exigiam que o Chefe da Cristandade fosse nativo da Itália – desabafava ele. Se o que fosse eleito saísse adepto dos Jesuítas, não o deviam as potências reconhecer. Em último caso, poder-se-ia apelar para um Concílio”<sup>91</sup>. Depois de um Conclave, não menos agitado que aquele que elegeu Clemente XIV, é eleito Pio VI, que logo se mostrou favorável aos Jesuítas<sup>92</sup>.

E recomeçam os tormentos de Pombal, cada vez mais obsessivos, agravados dentro em pouco, pelo doença do Rei e pela sua própria.

### Conclusão

Esta mútua correspondência e troca de presentes entre Pombal e Clemente XIV são secretíssimas, de alto sigilo e de muita gravidade, tanto da parte de um como do outro. Clemente XIV, se não se comprometeu em suprimir os jesuítas, precisamente no momento do Conclave – como querem alguns, embora não haja provas decisivas – pelo menos, comprometeu-se claríssimamente nestas cartas para Pombal. Não podemos, no entanto dizer, que – da parte de Pombal – tenha sido uma correspondência e uma troca, motivada por intimidade e amizade. É uma manobra altamente política para realizar a sua louca obsessão de suprimir os jesuítas em toda a parte.

Nestas cartas, Pombal não se revela como homem e amigo, mas apenas como político, algum tanto tresloucado. Nada transparece do mais íntimo da sua personalidade, como acontece nas cartas aos jesuítas, em que revela muitas das amarguras que lhe vão na alma. Anda a braços com um trabalho tão absorvente que o leva – como diz Lúcio de Azevedo – a sacrificar o tempo que devia dar aos interesses mais fundamentais do Reino e a esbanjar tantos presentes e ouro do Brasil, tirados porventura ao Tesouro Real. Faz pensar num cálculo, algum tanto maquiavélico e obsessivo. É a característica do temperamento de Pombal que conseguimos tirar a limpo desta correspondência e desta frenética troca de presentes.

Não há dúvida de que os Jesuítas tomaram muitas vezes atitudes triunfalistas.

É muito possível que precisassem da “loucura” de Sebastião José para reaperderem a “loucura evangélica da humildade e da mínima Companhia”.

---

<sup>91</sup> *COLLEÇÃO dos Negocios de Roma*, III, p. 3º, add. 27. de 20 de Outubro de 1774.

<sup>92</sup> Nos princípios do século XIX, começaram a circular várias cópias de um manuscrito intitulado: *La Rétractation de Clément XIV*. Não há qualquer prova da sua autenticidade. Muito ao contrário.

Puseram-se, logo de início, ao serviço do Papa, para qualquer missão, para onde ele os quisesse enviar. Não tiveram, no momento da sua expulsão e supressão pelo próprio Papa, o discernimento para verem que era desta vez uma nova missão do próprio Papa, mas que eles não esperavam, da mesma maneira que Jesus passou pela sua morte, que pertencia essencialmente à sua missão.